

INVESTIGANDO OS PADRÕES DE LEXICALIZAÇÃO DE MOVIMENTO EM PORTUGUÊS DO BRASIL

RENAN CASTRO FERREIRA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – renan.ferreira@hotmail.co.uk

²Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Duas línguas podem expressar um mesmo evento de formas bem diferentes. Ainda que utilizem os mesmos componentes conceituais, há várias maneiras de eles serem distribuídos entre os constituintes dos enunciados. Por exemplo, imaginemos uma situação em que um homem atravessa uma rua, e está correndo quando realiza a travessia. Em português brasileiro (PB), a cena pode ser descrita dizendo “o homem atravessou a rua correndo”. Em inglês, por outro lado, a maneira mais típica de descrevê-la seria “the man ran across the street”. Ambas as línguas descrevem fundamentalmente o mesmo evento de movimento, mas os enunciados de cada uma diferem significativamente na sua forma. Em português, o verbo principal expressa a trajetória (atravessou) e a maneira em que a ação é realizada vem num gerúndio (correndo), que pode até ser retirado da sentença sem torná-la agramatical. Em inglês, além de nenhum elemento poder ser omitido, o verbo principal expressa a maneira (ran – correu), enquanto que a trajetória é expressa pela preposição across (através). Embora tanto o inglês quanto o português possuam verbos de trajetória (ex.: *entrar* e *sair* em português; *enter* e *exit* em inglês) e verbos de modo do movimento (ex.: *caminhar* e *correr* em português; *walk* e *run* em inglês), o inglês prefere o segundo tipo.

A atribuição de componentes conceituais sobre uma unidade lexical é o que chamamos de *lexicalização*. A regularidade com que uma língua lexicaliza tais componentes é o que se entende por *padrão de lexicalização*. Em sua análise de estruturas de línguas de diferentes famílias, TALMY (1985, 1991, 2000) notou padrões recorrentes de lexicalização, e isso o levou a propor uma tipologia de movimento em que as línguas do mundo são classificadas em dois tipos: línguas com *frame* nos verbos (*verb-framed languages*, ou línguas-V), línguas com *frame* nos satélites (*satellite-framed languages*, ou línguas-S),

Talmy formalizou sua hipótese tipológica através da descrição daquilo que chamou de esquema básico de eventos de movimento (EM). Para o autor, o EM básico é formado por quatro componentes: (I) FIGURA, ou aquele que se move, (II) FUNDO, ou o ponto de referência em relação ao qual a FIGURA se move, (III) TRAJETÓRIA, ou o curso seguido pela FIGURA em relação ao FUNDO e (IV) MOVIMENTO. Há ainda os coeventos MANEIRA e CAUSA, que indicam, respectivamente, a forma como o movimento é realizado e se o movimento é espontâneo ou causado. Esses componentes são, para o autor, elementos semânticos, expressos através de formas sintáticas tais como verbos, satélites e orações subordinadas. Satélites são elementos que estão “em relação de irmandade com a raiz verbal”¹ (TALMY, 1991, p. 486) e que alteram seu conteúdo semântico. Em inglês, seriam, por exemplo, as partículas que acompanham os verbos nas construções chamadas *phrasal verbs* (ex.: *go out*, *climb up*, *swim*

¹ No original: “in a sister relation to the verb root.”

across). Em outras línguas, entretanto, podem ocorrer como prefixos verbais inseparáveis, como no russo, afixos aspectuais separáveis ou não, como no alemão, e complementos verbais, como no chinês.

Para Talmy (2000), as línguas-V são as que associam MOVIMENTO e TRAJETÓRIA, mapeando-os sobre o verbo principal. Já as línguas-S são as que combinam MOVIMENTO e MANEIRA no verbo, enquanto TRAJETÓRIA é expressa por satélites. Entre as línguas-V estariam, de acordo com o autor, as línguas românicas, semíticas, o japonês e o tâmil. Já no grupo das línguas-S estariam a maioria das línguas indo-europeias (exceto as românicas), as línguas fino-úgricas e o chinês.

Ainda que Talmy tenha analisado, dentre as línguas românicas, o espanhol e o francês, sua pesquisa não traz dados do português. Nos últimos anos, alguns trabalhos buscaram descrever o padrão de lexicalização de movimento do PB², utilizando tanto a tipologia talmyiana quanto as de outros autores, como JAKENDOFF (1990). O trabalho de MEIRELLES (2019), uma das publicações mais recentes, questiona a proposta de Talmy e defende que o PB apresenta estruturas que o impedem de ser classificado como língua-V. Para a autora, há uma diferença entre trajetória e direção que não é contemplada em TALMY (1985, 2000) e que pode ser demonstrada em verbos de movimento do PB. Além disso, essa língua possui construções tanto de línguas-V quanto de línguas-S, o que, de acordo com Meirelles, põe em cheque o que diz Talmy sobre as línguas românicas serem línguas-V.

Para nós, alguns dos argumentos em MEIRELLES (2019) são questionáveis, não apenas por refletirem uma leitura aparentemente equivocada da teoria de TALMY (1985, 2000), mas também por serem baseados na análise de sentenças não espontâneas. O objetivo deste trabalho é obter dados de descrição de eventos de movimento por falantes de PB a partir de estímulos dinâmicos (situações de movimento mostradas em vídeo). Com base na tipologia proposta por Talmy (2000b), que classifica o português como língua-V, estabelecemos as seguintes hipóteses em relação à descrição dos eventos de movimento pelos sujeitos da pesquisa: (1) alta preferência pela lexicalização de TRAJETÓRIA no verbo principal; (2) forte tendência a omitir o componente MANEIRA, particularmente nas cenas em que esse componente seja considerado comum ou não marcado; (3) expressar MANEIRA ao descrever eventos menos comuns/incomuns, para evidenciar o contraste entre esses e eventos comuns; e (4) mesmo nas cenas incomuns, tendência a continuar preferindo as estruturas mais comuns em línguas-V (“entrou pulando” ao invés de “pulou para dentro”).

2. METODOLOGIA

Existem várias maneiras de se obterem dados sobre padrões de lexicalização de movimento: narrativas orais e escritas a partir de cenas em vídeo ou sequências de fotos ou figuras, descrição de vídeos ou figuras, análise de redações estudantis, julgamento de gramaticalidade, produção e reconhecimento de vocabulário, completamento de frases, correspondência entre frases e figuras e julgamento de similaridade³.

² Cf. CORRÊA e CANÇADO (2006), AMARAL (2011), SANTOS-FILHO (2016b), MEIRELLES e CANÇADO (2017) e MEIRELLES (2019).

³ PAVLENKO (2014) apresenta uma revisão detalhada de estudos que utilizaram tais métodos.

Cada tipo de tarefa e estímulo utilizado tem vantagens e limitações. Por exemplo, narrativas feitas a partir de figuras e fotos dariam mais liberdade ao participante, possibilitando uma produção mais natural. Por outro lado, com estímulos estáticos, como uma sequência de figuras, o evento de movimento em si é apenas inferido, e a forma como a cena é ilustrada poderá levar diferentes participantes a perceberem movimentos distintos. Essa desvantagem favorece a utilização de estímulos dinâmicos, como animações e filmagens, que fornecem ao participante o evento de movimento como ele é, ainda de que um ponto de vista específico – pré-determinado pela forma como a animação ou a cena foi originalmente gravada ou, no caso de estímulos feitos especialmente para a pesquisa, pelos ângulos de filmagem escolhidos pelo pesquisador.

Nos exemplos do PB trazidos por MEIRELLES (2019), assim como na análise dos verbos do PB em MEIRELLES e CANÇADO (2017), nenhuma coleta de dados foi realizada a partir de testes com falantes de PB. As análises e conclusões desses trabalhos se baseiam nas descrições de verbos do Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil (BORBA, 1990), de sentenças construídas pelas autoras a partir de sua “intuição de falantes nativos do PB” (MEIRELLES e CANÇADO, 2017, p. 429) e de buscas livres na plataforma Google. Ainda que seja possível analisar metalinguisticamente o uso de verbos a partir de tais fontes, entendemos que existe uma grande desvantagem: pode haver um forte viés, já que se poderia questionar se frases criadas sem contexto, por especialistas em linguagem e com verbos pré-selecionados em dicionário refletem o uso coloquial de falantes nativos monolíngues de PB.

Portanto, o presente trabalho busca contribuir com a análise da lexicalização de eventos de movimento em PB trazendo dados de descrições espontâneas realizadas a partir de estímulos dinâmicos, ou seja, produções em PB coloquial, feitas por falantes nativos monolíngues após assistirem a cenas em vídeo.

Um total de 15 vídeos serão utilizados no estudo. Quanto ao componente TRAJETÓRIA, os vídeos se dividem em cinco grupos (para dentro, para fora, para cima, para baixo, através). Para cada tipo de trajetória foram filmadas três cenas com diferentes MANEIRAS de movimento (uma comum, uma menos comum e uma incomum), mas com a mesma FIGURA e o mesmo FUNDO. Por exemplo, em uma das tríades de cenas, um homem atravessa uma rua caminhando num primeiro vídeo, depois correndo e, num terceiro vídeo, pulando. O componente FIGURA é o mesmo homem em todos os 15 vídeos, e o FUNDO são sempre locais com os quais falantes nativos brasileiros de PB tenham familiaridade. O Quadro 1 mostra todas as escolhas dos eventos de movimento filmados.

Quadro 1. Características dos componentes TRAJETÓRIA, MANEIRA e FUNDO dos eventos de movimento filmados para a tarefa de descrição.

TRAJETÓRIA	MANEIRA			FUNDO
	comum	menos comum	incomum	
para dentro	caminhar	correr	pular	elevador
para fora	caminhar	correr	pular	elevador
para cima	caminhar	correr	rastejar	colina
para baixo	caminhar	correr	rolar	colina
através	caminhar	correr	pular	rua

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como o nosso trabalho está atualmente da fase de elaboração da tarefa de descrição de vídeos, ainda não há resultados a relatar e discutir. Entretanto, acreditamos que os resultados confirmarão as hipóteses que propusemos na Introdução.

4. CONCLUSÃO

Esperamos que dados coletados com a tarefa de descrição de vídeos mostrem quais padrões de lexicalização tendem a ser realmente mais típicos em português brasileiro e nos permitam chegar mais perto de uma afirmação conclusiva sobre a tipologia de eventos de movimento dessa língua.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. Os verbos de modo de movimento no português brasileiro. **ReVeLe**, v. 3, p. 1-20, 2011.

BORBA, F. (Coord). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1990.

CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 371-404, 2006.

JACKENDOFF, R. **Semantic Structures**. Cambridge: MIT Press, 1990.

MEIRELLES, L. Verbos de movimento do português brasileiro: evidências contra uma tipologia binária. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, n. 2, p. 1101-1124, 2019.

MEIRELLES, L.; CANÇADO, M. A propriedade semântica movimento na representação lexical dos verbos do português brasileiro. **Alfa**, v. 61, n. 2, p. 425-450, 2017.

PAVLENKO, A. **The bilingual mind and what it tells us about language and thought**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2014.

SANTOS-FILHO, D. O padrão de lexicalização do português brasileiro: evento de movimento. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, v. 5, n. 2, p. 103-123, 2016.

TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description, vol. 3. Grammatical categories and the lexicon**. Cambridge University Press, 1985. p. 57-149.

TALMY, L. Path to realization: A typology of event conflation. **Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p. 480-519, 1991.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics: Typology and Process in Concept Structuring**. Cambridge, MA: MIT Press, v. 1, 2000.